

## OS CORPOS NA OBRA DE HOMERO: AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE OS SEXOS

Cahuane Corrêa<sup>1</sup>

Marcelo Moraes e Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa realizar uma análise das obras “*Iliada*” e “*Odisseia*”. O objetivo principal é o de identificar as diferentes concepções de corpo presentes nos escritos, no que tange os corpos mais valorizados e os mais estigmatizados. Nessa perspectiva foram identificados e analisados os seguintes corpos: guerreiro, mulher e escravo. A partir das análises, fica clara a percepção de que há uma relação de poder vertical entre os sexos. A título de conclusão, o trabalho aponta que o corpo do guerreiro recebe um maior prestígio. Em contrapartida, os corpos mais estigmatizados são das mulheres e escravos. Tal superioridade se justifica por questões anatômicas e éticas, pois o conhecimento do período apontava para uma concepção de corpo e moral que inferioriza mulheres e enaltecia os indivíduos homens.

**Palavras-Chave:** Corpo; Homens; Mulheres; Antiguidade Clássica; Grécia.

### The bodies in the writings of Homero: The relationships of power between sexes

**Abstract:** This article aims to perform an analysis of the "Iliad" and "Odyssey". The main objective is to identify the different conceptions of body present in the writings, and which are the most valued bodies and the most stigmatized. The following bodies have been identified and analyzed: warrior, woman and slave. From the analysis, it is clear the perception that there is a relationship of vertical power between the sexes. In conclusion, the article points out that the warrior's body gets more prestige. In contrast, the most stigmatized bodies are women and slaves. This superiority is justified by anatomical and ethical questions, since the thought and knowledge in the period pointed to a conception of body and morals that inferiorizes women and exalts the men.

**Keywords:** Body; Men; Women; Classic Antiquity; Greece.

### Los cuerpos en la obra de Homero: las relaciones de poder entre los sexos

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo realizar un análisis de las obras "*Ilíada*" y "*Odisea*". El principal objetivo es identificar las diferentes concepciones de cuerpo presente en los escritos, y cuáles son los cuerpos más valiosos y los más estigmatizados. Los siguientes cuerpos han sido identificados y analizados: guerrero, mujer y esclavo. A partir del análisis, hay una clara percepción de que existe una relación vertical de poder entre los sexos. En conclusión, el documento señala que el cuerpo del guerrero se vuelve más prestigio. Por el contrario, los cuerpos más estigmatizados son las mujeres y los esclavos. Tal superioridad se justifica por cuestiones anatómicas y éticas, pues el pensamiento y el

---

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física – Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestranda em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba – Paraná – Brasil. Email: [cahuanecorrea@gmail.com](mailto:cahuanecorrea@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação – UNICAMP. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba – Paraná – Brasil. Email: [marcelomoraes@ufpr.br](mailto:marcelomoraes@ufpr.br).

conocimiento tenido en el periodo apuntaban a una concepción de cuerpo y moral que inferioriza a las mujeres y enaltece a los hombres.

**Palabras Clave:** Cuerpo; Hombres; Mujeres; Antigüedad Clásica; Grecia.

## Introdução

A Grécia Antiga tem enorme importância na constituição das bases filosóficas da sociedade ocidental. Um dos primeiros elementos a ser mencionado é sua mitologia. Marcondes (1997) e Grimal (2003), por exemplo, salientam que esta surgiu como um marco para a explicação do universo e a origem do homem, dando sentido à vida e a maneira de viver das sociedades arcaicas. Porém, com a saturação das respostas, deixou de satisfazer o intelecto dos indivíduos mais exigentes, surgindo assim um pensamento filosófico baseado principalmente no princípio da razão. Reale (2002), lembra que a concepção de corpo também estava imbricada nessa relação de mudança de pensamento e perspectiva. O que antes era obscuro e mágico passou a se tornar na opinião do autor mais claro e real. O corpo antes visto como várias unidades distintas passa a ser uma totalidade, se aproximando um pouco mais do modelo atual.

Por sua vez o pensamento atual de corpo unitário, teve início nos séculos VI e V a.C. Segundo Reale (2002), na Grécia Antiga o corpo era representado pela palavra *SOMA*, que indicava um corpo sem vida, pois era somente nesta condição que ele passava a ter uma forma unitária, visto que suas funções cessavam e o corpo ficava rígido, estático, deixando de ser dividido em partes e passando a ser algo único e indivisível.

Já para se referenciar ao corpo com vida geralmente eram usados termos como *melea* ou *gyia*, *démas* e *chros*. Reale (2002) lembra que *melea* era para designar as partes dotadas de força pelos músculos. A palavra *gyia* seria os membros articulados, como braços e pernas. *Chros* que não seria a pele como seu significado específico. Trata-se de algo próximo a uma casca, um invólucro, o limite externo do corpo. Por fim surge o termo *démas*, que, conforme aponta Crisório (2011), faz alusão a estrutura e a forma do corpo, como ser pequeno ou grande, ou seja, diz respeito a forma física, como a aparência e estatura.

Ao analisar o período da Antiguidade clássica, torna-se impossível, como disserta Marques Júnior (2013), descrever o corpo no mito grego sem se utilizar como fonte os escritos *Ilíada* e *Odisseia*, do *rapsodo* Homero. Obras estas consideradas marcos na história, pois de certa forma influenciaram fortemente a literatura ocidental e “reproduzem a compilação e a fusão da tradição oral e que constituem obras iniciadoras da literatura grega escrita” (LOPES, 2013, p. 119).

As obras influenciaram fortemente a educação dos indivíduos gregos, pois eram responsáveis por gerir a vida social e política dos mesmos. Dessa forma, a poesia era incumbida de inspirar a forma de existência dos gregos, exercendo intervenção na formação do pensamento político e moral. Conforme demonstrado na seguinte passagem de Souza (2008, p.2):

A poesia sempre exerceu um papel educativo e normativo entre os gregos. De Homero a Platão, a cultura grega mostra-se completamente impregnada pelos efeitos da poesia na formação ética, política e pedagógica das crianças e dos jovens. Fenômeno estruturador do pensamento grego, a poesia é norteada por determinados valores e princípios que definirão a ação dos personagens de Homero, o principal representante dessa tradição. Através dos feitos nobres e gloriosos de seus heróis, Homero suscita o apreço pela glória (*kléos*), oferecendo aos seus ouvintes os modelos a serem adotados nas relações públicas e nas individuais.

Dessa forma, é possível fazer uma análise da conjuntura social a partir das poesias que transmitiam costumes e leis aos gregos antigos. Entretanto, como bem observa Souza (2008), essa difusão esbarra em críticas por parte de alguns pensadores do período. Alegavam que Homero poderia não repassar com exata verdade os acontecimentos, porém não desmerecem o fato do rapsodo ser o grande educador da Hélade, o responsável por repassar as tradições, leis e costumes.

Nesse sentido, torna-se importante analisar as percepções de corpo e as questões que circundam os papéis sociais de cada sexo, bem como a relação que existe entre eles. A partir dessa afirmação, surge a problematização do presente trabalho: De que maneira os corpos femininos e masculinos são representados nas obras de Homero *‘Ilíada’* e *‘Odisséia’*? Qual recebe maior prestígio e de que forma esse corpo se estabelece na sociedade grega?

### **Os corpos e suas funções sociais**

Conforme aponta Wormam (1997) o corpo nas sociedades mitológicas não tinha o mesmo padrão da contemporaneidade, visto que a organização destas sociedades era regrada por vínculos familiares, a relação com seus deuses e principalmente na ligação com a terra que habitavam. Schüller (1985) argumenta que essa ordenação social era gerida pelas famílias e as mesmas indicavam as funções de cada um dos seus membros.

Tais questões ficam evidentes nas obras homéricas, pois nos escritos do rapsodo grego encontra-se uma separação dos afazeres cotidianos advindo das diferenças corporais e sociais. Vernant (2001) argumenta que cada indivíduo tinha sua função, umas com mais prestígio e outras com menor valorização. A maioria dos personagens de Homero era oriunda de uma nobreza guerreira, pois de acordo com o modelo social grego, havia a necessidade, assim como indica Santos (1997, p.1), “(...) de um corpo forte, uma musculatura de combatente e uma estática guerreira, pois as constantes lutas e guerras exigiam-lhes estes requisitos”.

Por este motivo, o corpo do guerreiro era valorizado e deveria ser preparado e treinado para jamais fugir ao combate. Outro ponto abordado sobre o corpo do guerreiro, era a sua equiparação aos deuses. Por este motivo muitas vezes estes indivíduos eram vistos, conforme demonstra Santos (1997), como semideuses. Por tais questões seus corpos eram sempre tratados com respeito e admiração, tanto em vida como na morte.

Devido aos pontos apresentados, pode-se notar que existe uma discrepância entre os corpos desses indivíduos, sendo uns mais fortes e astutos – heróis/guerreiros - e outros considerados mais frágeis, pois “(...) classificamos as pessoas quanto à aparência, fazendo delas deuses gregos, ou, diametralmente opostas, pessoas humildes, habilitando-as ou não a determinados empregos e a frequentar certos lugares” (VIEGAS, 2012, p.8). Sendo assim, percebe-se uma sociedade em que os valores guerreiros de força e virilidade sobrepujam quaisquer outros. Vigarello (2013) lembra que a virilidade vem a ser um dos princípios do comportamento e ações do homem ocidental, características de um indivíduo verdadeiramente masculino.

Somente eram considerados guerreiros aqueles que tivessem seu corpo treinado para os combates. Porém, para este indivíduo se tornar um herói, eram necessários alguns “requisitos básicos” de virilidade e coragem. Sartre (2013) afirma que aos que não atingiam tais “requisitos” restava-lhes a estigmatização, como pode ser visto na passagem na qual os guerreiros riem do personagem Páris, por ele não atender a este padrão corporal:

Páris funesto, de belas feições, sedutor de mulheres!  
 Bem melhor fora se nunca tivesses nascido, (...)  
 Riem-se à grande os Aquivos de soltos cabelos nos ombros.  
 Um dos primeiros julgavam que fosses, por seres de físico  
 tão primoroso; no entanto, careces de força e coragem.  
 (HOMERO, *Iliada*, III, v.v 40-45).

O corpo do guerreiro era retratado como belo, robusto, com membros fortes e largos, ágil, de caráter impecável, experto no manejo de armas e tudo relacionado à guerra e aos combates. Vigarello e Sartre (2013) trazem ainda a ideia de que os corpos masculinos eram regidos por *andreia*, palavra que remetia a virilidade, na capacidade de dominar, persuadir e se impor perante os outros, que aliado a qualidades de resistência, coragem, bom comportamento e beleza física, garantiam a “boa masculinidade”. Pontos facilmente observáveis nas passagens de Homero, que ao qualificar um indivíduo, o faz exaltando suas características de homem:

Como se chama esse Acaio tão belo e de tal corpulência,  
 de bem maior estatura e de espaldas mais largas que os outros?  
 (HOMERO, *Iliada*, III, v.v 226-227).

Deram-te os deuses, Ajaz, estatura magnífica, força  
 e valentia sem-par. Dos Aqueus és o mais destemido.  
 (HOMERO, *Iliada*, VII, v.v 288-289).

Os heróis eram homens de boa estatura, com musculatura bem constituída e provinham de linhagens de guerreiros. Eram filhos de grandes heróis e muitas vezes a filiação destes indivíduos era atribuída aos deuses. Por este motivo eram retratados por Homero a semelhança destes. Outro ponto a ser mencionado é que tais heróis foram criados e treinados corporalmente por algum deus do Olimpo, como mostra Aubreton (1968,

p.156-157), na seguinte passagem: “Os heróis homéricos são profundamente humanos e só a assistência divina os torna capazes de ações extraordinárias”. Sendo assim, gozar dessas características era algo reservado a poucos indivíduos, ou seja, os escolhidos pelos deuses:

Bem se depreende que os deuses não cedem a todos os homens  
dons primorosos, ou seja na forma, no engenho, ou na eloquência.  
Este, na forma exterior, pode ser de aparência somenos,  
mas recompensam-no os deuses com o dom da palavra.  
(HOMERO, *Odisseia*, VIII, v.v 167-170).

A questão da preparação do corpo masculino para a guerra era critério para a designação de determinadas funções sociais, criando com isso uma forma de hierarquia no campo de batalha. Aqui se encontra uma nítida divisão entre os corpos. Aos considerados mais fortes cabiam às funções de comando e as melhores armas, aos mais fracos e menos corajosos, restavam os piores armamentos e o meio do agrupamento no campo de batalha:

Caros, conquanto nem todos na guerra possam ser grandes –  
uns, preexcelentes heróis; outros, médios; alguns, de coragem  
mais reduzida -, ora cumpre que todos se mostrem capazes,  
como sem dúvida, vedes que a luta o requer  
(HOMERO, *Iliada*, XII, v.v 269-272).

Dessa forma, o corpo masculino era ligado, conforme salienta Bittencourt (2009) ao combate e a glória. Dois conceitos intimamente ligados, visto que a glória era alcançada no campo de batalha. Porém, Sartre (2013) indica que o ápice de seu prestígio era somente alcançado quando o herói era abatido e morto no campo de batalha. Então, seu nome estaria gravado na memória social, seus feitos seriam eternizados em cantos e poesias, passados por todos os cantos da Grécia. O autor demonstra que existe ainda outro tipo de glória, aquela obtida em “práticas esportivas”<sup>3</sup>, que nada mais eram do que uma racionalização das guerras e de suas batalhas, sobretudo, na questão de medir habilidades e se impor perante o outro. Nessas práticas a virilidade e a masculinidade eram comprovadas, pois nesse momento poderiam expor sua beleza física, destreza e coragem e ainda mostrar seu domínio sobre outrem.

Em contrapartida, ao respeito alcançado pelos homens, está o corpo feminino, evidenciando os dois extremos da sociedade grega. Sartre (2013) aponta que os ideais de imagem eram construídos na oposição, mostrando a opulência de um e a inófia do outro. Uma vez que, os valores femininos eram desvalorizados para afirmar a soberania e positividade dos valores masculinos. Para Platão, as mulheres são a reencarnação de homens que na outra vida foram covardes e não despertaram sua *andreia*. O filósofo argumenta também que por gerar vida e ter útero, a mulher não era capaz

---

<sup>3</sup> Usa-se o termo “práticas esportivas” apenas para fazer menção as práticas realizadas no período, porém vale ressaltar que o esporte moderno é um fenômeno contemporâneo e institucionalizado, representação que não se manifestava no período em questão.

de estabelecer conceitos filosóficos, por isso seu papel de inferioridade (STREY; CABEDA, 2004).

Oliveira (2008) lembra que, ao contrário do homem, a mulher era vista como fraca e incapaz de realizar qualquer atividade “braçal”, suas atividades eram restritas basicamente a esfera doméstica, tecendo vestes e tapetes para seus maridos e filhos.

A ti mulher, conselho, apesar da prudência que mostras (...) vai para os quartos de cima, seguida de tuas criadas e permanece ali, queda; a ninguém endereças perguntas (HOMERO, *Odisseia*, XXIII, v.v 361-365).

Por sua vez os espaços públicos e o campo de batalha eram locais masculinos por excelência e por isso eram considerados impróprios para as mulheres. Esta interdição pode ser observada na inquietação dos anciões quando Helena<sup>4</sup> chega à torre para observar o embate entre Páris e Menelau:

Os chefes, pois, dos Troianos, na torre se achavam reunidos. Ao perceberem Helena, que vinha apressada para eles, uns para os outros, baixinho, palavras aladas disseram: ‘É compreensível que os Teucros e Aquivos de grevas bem-feitas por tal mulher tanto tempo suportem grandes canseiras! (...)’ Isso diziam, mas Príamo a Helena chamou em voz alta (HOMERO, *Iliada*, III, v.v 154-161).

A passagem da *Iliada* mostra que determinados espaços públicos deveriam ser interditos a presença de corpos femininos. Os locais que as mulheres deveriam ocupar eram restritos aos da esfera privada, pois o corpo feminino não tinha palavra política, visto que sua eloquência não persuadia. Por este motivo o tear era a atividade mais valorizada para as mulheres nobres, pois os demais afazeres domésticos e a criação dos filhos ficavam por conta de corpos ainda menos valorizados: as mulheres escravas<sup>5</sup>.

Para o teu quarto recolhe-te e cuida dos próprios labores, roca e tear, e às criadas solícitas ordens transmite para que tudo executem, que aos homens importa a palavra, mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa (HOMERO, *Odisseia*, I, v.v 356-359).

Como visto na passagem, as mulheres eram tratadas como objeto, pois eram um requisitado prêmio de guerra, Vigarello (2013, p.15), afirma que existia “(...) a identificação do feminino como objeto de ‘caça’”, já que os

<sup>4</sup> Ao analisar as obras de Homero (*Iliada*; *Odisseia*) pode-se observar que Helena é um tipo diferente de mulher, pois é retratada com dubiedade, ora como frágil e incapaz, ora como capaz de tomar suas próprias decisões e ocupar espaços considerados masculinos.

<sup>5</sup> Como já destacado, a guerra, o saque e a pilhagem eram extremamente comuns nesse período. Nesse sentido, ao invadir uma cidade, os guerreiros vitoriosos tomavam posse de tudo aquilo que lhes seria útil. Principalmente da mão de obra escrava, geralmente de mulheres, visto que os homens foram derrotados e mortos em batalha (VERNANT, 2001).

homens precisavam dominá-las, portanto, eram quase sempre utilizadas como escravas em tarefas domésticas, agrícolas e/ou sexuais.

O prêmio de honra hás de ter, logo após o que a mim for cedido, ou bela trípode, ou carro bem-feito, com seus corredores, ou mesmo escrava donosa que possa subir ao teu leito (HOMERO, *Iliada* VII, v,v 289-291).

Oliveira (2008) lembra que por ser considerada fraca, incapaz e sem palavra política, a mulher deveria ser submissa e ficar à mercê das decisões tomadas pelos homens. As mesmas não poderiam ter voz alguma nas decisões da cidade, visto que anatomicamente eram inferiores, pois não tinham a capacidade de se defender sozinhas, e com isso seu cérebro também era menor, afetando a capacidade de julgamento e pensamento (STREY; CABEDA, 2004). Para se enquadrar no meio e atender a uma expectativa social, os requisitos que o corpo da mulher deveria possuir eram o de serem magros e de cintura fina e sempre ornadas com vestes bem feitas. Os cabelos precisavam ser longos e sedosos e impreterivelmente necessitava ter uma aparência jovem, como se pode observar na seguinte passagem da Odisséia:

Passa, primeiro, no rosto impecável a essência divina com que costuma lavar-se a deidade que mora em Citera, quando desejo lhe vem de baixar para o coro das Graças. Fê-la, depois, parecer mais esbelta, de altura mais nobre e de mais brilho na cute, que o próprio marfim trabalhado (HOMERO, *Odisseia*, XVIII, v.v 192-196).

Worman (1997) salienta que a mulher era também considerada perigosa, devido principalmente a sua beleza e a possibilidade de poderem envolver e seduzir os homens. Vigarello e Sartre (2013) indicam que a mulher era vista como incapaz de controlar o próprio desejo, portanto, se sua natureza fosse má, poderia levar os homens a ruína e até mesmo se tornar o estopim de guerras, como é o caso retratado de Helena e algumas deusas, como Hera e Atena:

Nos textos antigos, com poucas e complicadas exceções (Páris e Odisseu), corpos como perigosamente desejáveis, corpos cuja possessão é enganosa, corpos que impedem conhecimento (por velamento, engano, etc) tendem ser femininos. Eles são, além disso, corpos femininos imortais, semi-mortais ou de imortal fabricação – Afrodite, Helena e Pandora respectivamente. (WORMAM, 1997, p.154-155)

Sartre (2013, p.21), retrata uma contraposição ao modelo explanado acima, pois “(...) o gênero não é mais questão de sexo, mas de comportamentos e virtudes, no topo das quais figura a coragem”. O que evidencia que uma mulher corajosa e “forte” saia da condição de mulher e adquiria a *andreia*, como é o caso das Amazonas retratadas por Homero. Segundo aponta Pereira (1997), estas mitológicas mulheres guerreiras eram

provenientes de uma sociedade composta apenas por membros do sexo feminino. As características exaltadas na sociedade das amazonas valorizavam capacidades consideradas masculinas, como por exemplo, o manejo de armas. Estas guerreiras foram mencionadas por Homero na *Ilíada*, como mulheres que lutam como homens, tornando-se aliadas dos troianos, provocando inúmeras baixas no exército grego:

Como aliado tomei, também, parte com eles na guerra  
contra as viris Amazonas, no dia em que aqui elas vieram  
(HOMERO, *Ilíada*, III. v.v 188-189).

Numa das passagens em que Pereira (1997), faz menção às Amazonas, a autora mostra como estes corpos femininos causaram grandes problemas aos heróis gregos: “Aquiles venceu a rainha das Amazonas, mas, no momento em que lhe enterra a espada no peito, os olhares de ambos cruzam-se, e o feroz guerreiro sente-se subjugado pelo encanto da sua intrépida opositora: mas já é tarde” (p.632).

Após toda a explanação sobre as concepções de corpo encontradas nas obras de Homero, fica claro perceber que tudo está relacionado às questões sociais, bem como suas divisões e o prestígio que cada um recebe na sociedade, ou seja, as relações de poder presentes no seio social. Fica mais evidente ainda, o fato de todas essas divisões convergirem para um só ponto: a questão corporal, pois é ele que irá definir que espaço o indivíduo ocupará na esfera social.

### **As relações de poder entre corpos nas obras homéricas**

As atividades mais importantes para o funcionamento da cidade requerem uma grande aptidão, que somente um corpo forte e treinado seria capaz de realizar, logo, fica fácil perceber que os homens fortes detêm um lugar de prestígio, pois são responsáveis por defender a cidade e captar recursos para a mesma. Recai sobre eles então, o papel de governar e decidir o bem comum para a cidade. Assim como aponta Foucault (1998), todos devem procurar e exaltar suas características masculinas, pois o homem deve comandar os que são fadados a serem comandados e fazer obedecer e impor os princípios da razão àqueles que são desprovidos dos mesmos. Aqui faz surgir uma relação de poder vertical entre os sexos e entre os diferentes estratos da sociedade.

Aqui cabe destacar conforme aponta Foucault (1996), que não existe nada fora das relações de poder, sendo ela produzida no mundo e tendo em cada sociedade seu próprio “regime de verdade”, isto é, a sociedade grega escolheu os tipos de discurso que fazia funcionar como verdadeiros, ou seja, também construiu sua própria “economia política da verdade”. Desta forma, tais discursos não são apenas palavras, são atos imersos nas diversas relações de poder existentes no contexto grego daquele período.

Como visto anteriormente, a mulher por ser considerada frágil, não tem a possibilidade de nem mesmo tomar suas próprias decisões, vive a



mercê daquilo que era imposto a ela, ou seja, o que os homens julgavam ser melhor. Essa reflexão se encaixa perfeitamente nas análises de Foucault (1998), que traz à tona a questão de que a moral é pensada e endereçada a homens livres, na qual as mulheres aparecem apenas como objetos e/ou parceiras a serem educadas e vigiadas:

Trata-se de uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente livres. Conseqüentemente, moral viril onde as mulheres só aparecem a título de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar e vigiar, quando as tem sob seu poder, e das quais, ao contrário, é preciso abster-se quando estão sob o poder de um outro (pai, marido, tutor). Ai está, sem dúvida, um dos pontos mais notáveis dessa reflexão moral: ela não tenta definir um campo de conduta e um domínio de regras válidas – segundo as modulações necessárias – para os dois sexos: ela é uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma a sua conduta (FOUCAULT, 1998 p.24).

Outro ponto observável nessa relação entre os sexos nos escritos de Homero, é que os corpos masculinos são detalhadamente retratados e aparecem em grande parte da narrativa. Já o corpo feminino aparece apenas em poucas passagens e praticamente sem nenhum detalhamento, ficando basicamente nas entrelinhas dos textos. Na maioria das vezes em que é referido é parte da história de algum homem e/ou está diretamente relacionada a eles. Fica evidente que a condição feminina era regulada por determinadas relações de poder, sendo as mulheres por isso diminuídas, uma vez que não atingem os padrões de corpo forte exigidos pela sociedade grega da época.

Tôrres (2001) e Sartre (2013) convergem na discussão de que às mulheres cabia somente a tarefa da reprodução e passar cidadania aos filhos, já que possui inferioridade em todos os quesitos resta-lhe somente perpetuar a família. Porém, essa afirmação esbarra em um problema levantado por Sennett (2003, p.22), “Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente ‘o corpo’, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma”. Tal problema fica evidente nas entrelinhas das obras de Homero, uma vez que esses corpos não necessários são apenas rasamente apresentados, como por sua falta não afetariam de forma alguma a narrativa construída.

Mesmo trabalhando numa perspectiva diferente Sennett (2003) e Foucault (1998), ao explorarem a antiguidade grega, corroboram em alguns pontos. Um deles refere-se que a discrepância entre os sexos surge de uma questão de temperatura corporal, um tema fisiológico da época, preconizada por Hipócrates, que prezava o equilíbrio térmico e a capacidade de manter o calor do corpo. Nesse sentido, os homens eram considerados quentes<sup>6</sup>,

---

<sup>6</sup> Sartre (2013) vai ao encontro as ideias sobre a questão do calor corporal e a relaciona com a nudez. Uma vez que a mesma além de controlar a temperatura, expõe o corpo masculino, suas belas características físicas e a proporção corporal.

enquanto a mulher seria fria e inerte. Nesse pensamento, quanto mais quente o corpo for, mais forte ele será. Foucault (1998) vai ao encontro a essa ideia, concluindo que no período em questão, um homem era considerado efeminado ao recusar-se a usar a força, tornando-se inerte, preguiçoso e sujeito a lassidão.

Outro apontamento utilizado era o de que os exercícios físicos serviam como um catalisador do calor corporal. Os homens como quentes, ao realizarem os exercícios, se tornarão cada vez mais quentes. Já as mulheres por serem frágeis e incapazes, não farão os exercícios, culminando em serem sempre frias. O mesmo ocorria com os escravos, que por submeterem-se as duras condições de servidão, baixava-lhes a temperatura corporal, perdendo a capacidade de raciocínio e argumentação. Sennett (2003, p.32) aponta que os “(...) gregos usavam a ciência do calor corporal para ditar regras de dominação e subordinação”. O mesmo aponta Foucault (1998), que no momento do ato sexual, aquele que penetra é considerado ativo e o penetrado é tão somente um objeto passivo, logo, cabe ao ativo exercer o poder. Nesse caso, compete ao homem, o ser ativo, exercer seu poder sobre os outros.

Sennett (2003) ainda aponta que no contexto grego a medicina da época indicava que para nascer do sexo masculino o calor no útero precisa ser elevado, caso haja deficiência nesse calor, nascerá do sexo feminino, portanto, não existia uma diferenciação dos sexos, todos são homens, porém a mulher é um homem incompleto. Strey; Cabeda (2004) demonstram, que tal concepção que perdurou até meados do século XVIII, com o advento da anatomia e a preocupação com a anatomia feminina. O autor aponta ainda que Diógenes, Aristóteles e Hipócrates chegaram as mesmas conclusões, ainda que de maneiras diferentes. Tal questão evidencia a inferioridade feminina, uma vez que não foi capaz, já no útero, de reter uma quantidade grande de calor, tornando-se fadada a se subordinar àqueles que foram capazes desse feito. Nesse sentido, a inferioridade feminina vem das questões anatômicas e éticas.

## **Conclusão**

Ao analisar a “*Íliada*” e “*Odisseia*” pode-se notar que a questão do cuidado com o corpo era muito valorizada, pois o corpo determinaria as funções e o papel de cada indivíduo na sociedade, definindo qual teria mais prestígio e respeito e qual seria estigmatizado e marginalizado. Nesse sentido, pode-se notar a presença de vários corpos e suas respectivas funções sociais.

Nesse tocante, o corpo do guerreiro foi o que recebeu maior prestígio e respeito, tornando-se o mais valorizado. Sempre na busca por um corpo belo, forte, robusto e ágil, um caráter impecável e uma inteligência ímpar. Todas essas qualidades são de suma importância no campo de batalha, determinando quem permaneceria vivo ou não. A importância do guerreiro resulta dessas qualidades e da vitória no campo de batalha, pois são os guerreiros que captam recursos para a cidade e a protegem de invasores.

Nesse sentido, sua presença traz segurança aos cidadãos e garante o bom funcionamento da cidade.

Ao seguir nessa lógica, os corpos mais estigmatizados e com menor importância vem a ser das mulheres e escravos. No caso dos escravos há o ultraje do corpo, pois são tomados de suas cidades e famílias para viverem como escravos na casa de uma família nobre. Podem ser escravos para os afazeres domésticos, tarefas do campo e para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores. Nesse caso, pode-se observar que há uma coisificação do corpo, pois esse escravo deixa de ser um humano e passa a ser tão somente um objeto, que necessita apenas atender as necessidades dos senhores, deixando de lado suas aspirações e desejos, uma vez que a intensa realização dessas tarefas, tira-lhe o calor do corpo, o tornando fraco e incapaz.

No caso das mulheres, elas não oferecem muitas qualidades para o bom funcionamento da sociedade, devido a isso têm menor importância, devido ao fato de também ter pouco calor corporal, logo, não era capaz de realizar tarefas que impulsionem a sociedade. Outro ponto importante, é que as mulheres seriam submissas, pois na relação sexual elas eram penetradas, demonstrando certo grau de inferioridade, submissão e transformação em objeto.

Outro ponto a ser evidenciado é o fato de que os diferentes corpos repercutem de diferentes maneiras, consistindo em alguns receberem maior destaque e detalhamento nas obras, como é o caso do guerreiro. Esses corpos recebem o maior destaque possível, pois toda a obra era voltada as suas epopéias e aspirações internas. Como é possível observar na obra “*Íliada*”, que rodeia as indignações internas de Aquiles, descrevendo suas aspirações e seu corpo em detalhes. Havia também o detalhamento dos corpos dos guerreiros que travam a batalha de Troia. Os corpos das mulheres aparecem apenas em segundo plano, sem um maior detalhamento, com as características apontadas apenas nas entrelinhas. O mesmo acontece em “*Odisseia*”, a qual está toda voltada a Odisseu, em sua épica viagem de volta à casa, após a guerra de Troia. Observa-se um grande detalhamento dos personagens masculinos, deixando os outros corpos a sua sombra, com pouco ou nenhum detalhamento.

Ao analisar as obras homéricas, pode-se concluir que o corpo masculino, mais especificamente do guerreiro considerado herói é o mais aclamado, tanto pela sociedade vigente, quanto pelo autor das obras, pois torna-se modelo para os indivíduos que fazem a leitura e o estudo dos escritos, posto que é uma poesia muito utilizada e conceituada, o que culmina em construir uma lógica a ser adotada e/ou seguida. Tal representação de corpo repercutiu posteriormente, principalmente na criação do ideal de atleta. O mesmo corpo do guerreiro agora usado com racionalidade, um corpo capaz de medir habilidades e continuar íntegro, ou seja, o ideal do corpo do guerreiro apenas passou para outra esfera.

Vale destacar que a obra pode representar em certo grau a conjuntura real do período, sendo ela ficção ou não, a maneira como foi escrita reproduz o sistema vigente, visto que Homero tinha “(...)a intenção de transmitir esse

legado cultural, envolvendo os costumes e as tradições dos antigos, com o propósito de tomá-los como modelo de comportamento a ser incorporado pelos homens de sua época” (SOUZA, 2008, p.2). Portanto, ao confrontar os resultados com o debate produzido por autores estudiosos do período, fica claro observar que de fato as mulheres eram mais estigmatizadas tanto fisiologicamente, quanto politicamente, por não terem calor suficiente, tornando-se incapazes desde o nascimento, continuando essa incapacidade ao longo da vida. Restando-lhes se abster a esfera doméstica e aceitar aquilo que lhe é imposto.

## Referências

AUBRETON, Robert. *Introdução a Homero*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1968.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A conduta dos heróis na épica de Homero. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 103, p. 114-123, 2009.

CRISORIO, Ricardo Luis. Homero y Platón: Dos paradigmas de la educación corporal. *Educación Física y Ciencia*, v. 13, p. 77-98, 2011.

FAJARDO, Gerardo Andrés Godoy. O MITO DAS AMAZONAS. *Revista Hispanista*, v. 15, n. 60, Jan. 2015.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GRIMAL, Pierre. *La mythologie Grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

HOMERO. *Ilíada* (em versos). Trad. Carlos Alberto Nunes, 25.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015-a.

HOMERO. *Odisseia* (em versos). Trad. Carlos Alberto Nunes, 25.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015-b.

LOPES, João José. A Ilíada e a Odisseia – Dois pilares da civilização grega e legado para a posteridade. *Revista Memento*, v. 4, n. 1, p. 118-127, 2013.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARQUES JÚNIOR, Milton. A Iliada ou a glorificação De Heitor. *Revista Eletrônica-Expedições/Expeditions: Teoria da História e Historiografia*, v. 4, n. 1, p. 232-235, 2013.

NUNES, Carlos Alberto. A questão homérica. In: HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro: Ediouro, 2015.

OLIVEIRA, Rodrigo Marquez de. O mito de Helena em Homero: a abertura figurativa. *Byzantion Nea Hellás*, n. 27, 2008.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

REALE, Giovanni. *Corpo, Alma e Saúde*. O Conceito de Homem de Homero a Platão. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

SANTOS, Luiz César Teixeira dos. A Atividade Física e a Construção da Corporeidade na Grécia Antiga. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 8, n. 1, p. 73-77, 1997.

SARTRE, Maurice. Parte I: Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean. Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). História da virilidade. *Rio de Janeiro: Vozes*, 2013. p.17-70.

SCHÜLER, Donaldo. *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3º. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. Homero sob o olhar crítico da tradição. *Nuntius Antiquus*, v. 1, p. 96-113.

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa. *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Edipucrs, 2004.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV aC). *Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages*, n. 1, p. 48-55, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. *El individuo, la muerte y el amor en la Antigua Grecia*. Barcelona: Paidós, 2001.

VIEGAS, Alessandra Serra. A performance do belo corpo de Odisseu se mostra: De Proscrito a Príncipe. *PRINCIPIA*, v. 1, n. 24, p. 27-34, 2012.

VIGARELLO, Georges. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean. Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História da virilidade. Rio de Janeiro: Vozes*, 2013. p. 11-16

WORMAM. Nancy. "The Body as Argument: Helen in Four Greek Texts". In: *Classical Antiquity*, vol. 16, n° 1. Berkeley, University of California Press, 1997. p. 151-203.

Recebido em 30 de janeiro de 2017  
Aprovado em 29 de dezembro de 2017